

# O COMBATE

02 DE NOVEMBRO  
DE 1902

# O COMBATE

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO, CRITICO E HUMORISTA

Assignaturas  
Mez . . . . . 12000  
Trimestre . . . . . 37000  
Semestre . . . . . 57000  
PAGAMENTO ADIANTADO

ANNO I

PARAHYBA DO NORTE, 2 DE NOVENBRO DE 1902

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Collaboração franca

Officinas e redacção

Rua das T. Incheiras N. 2

NUMERO 7

## A NOSSA SUSPENSO

A nossa Constituição Republicana, feita por homens doutos, tendo a vista alta das medidas afirmadoras da grandeza dos nossos sentimentos moraes, alargando, n'um dos seus artigos, a nossa liberdade de pensamentos, encerra, parece-nos, este duplo fim:

Em primeiro lugar attestar o grão do nosso desenvolvimento, em segundo chamar todas as classes a prestar o seu concurso de bem servir as causas do seu paiz, vigiando-as, analysando-as, desapprovando-as conforme sejam bem ou mal dirigidas.

Como esta missão, aliás grande, tem custado a muitos, que se mantem n'um ponto de vista mais elevado, sommas avultadas de desgostos e privações, disto resulta que aquelle artigo é uma mera ficção, um pretencioso distico querendo mostrar a nossa importância, o tamanho do nosso civismo, visto que o não comprehendemos, e se o comprehendemos pouco se nos dá que seja ou não praticado.

Vendo, por sobejas experiencias, que as palavras melleas de partidos nenhum beneficio trazem a collectividade, de que se servem para subirem e manterem se como pequenos deuses na terra o nosso modesto jornal, ao expor o seu artigo programma, disse não se infantescir como elles, o que não deixou de cumprir.

Sucedendo, porém, que os interesses publicos promanam dos governos d'elles recebendo sancção, estava logicamente previsto que, tratando-se de questões que se prendem ao bem do povo, nós, os moços sem compromissos, sem liames de especie alguma manietadores do nosso caracter, desinteressados e amorosos pelo valor e prestigio da terra em que nascemos, não podiamos ficar indifferentes dado o factodelles exigirem em seu favor a nossa palavra, obscura e humilde, é certa, mas sincera e patriótica.

Foi o que nos aconteceu.

Lembrando o governo do Estado, na sua mensagem, à Assembléa Legislativa, a suppressão do Lyceu Parahybano, por notar a sua improficuidade no de fundir a instrucção pelas nossas classes sociaes, vendo que não se tratava de uma questão de partido, mas de uma questão essencialmente popular, não relutamos, um instante sequer, em ser contra tal lembrança, escrevendo sobre o caso como o caso pedia.

Isto bastou para que não podessemos dar mais um passo adiante.

O administrador d' *Imprensa*, typographia onde o nosso jornal se impresso, participou-nos que não publicava mais nenhum artigo referente aos negocios do governo do Estado, de modo que este podia fazer o que bem entendesse, não assistindo o dever de desapproval-o.

Diante de tal consequencia, que não nos suprehendeu, só esta devia ser a nossa attitud: suspender a publicação d' *O Combate*, deixar mesmo de publical-o do que fazel-o de parte de outros dos nossos pensamentos.

Este ultimo procedimento, estabelecendo uma posição muito facil, muito comoda, muito boa para quem não tem um pouco de coragem, um pouco de amor por aquillo que não diz respeito somente a si.

Foi o que fizemos.

Mas como tudo que é feito com sinceridade e justiça tem os seus effectos benéficos, não nos foi difficil encontrar apoio e auxilio para a realização do nosso termino ineluctante.

É resultado benéfico dessa imposição injustificavel, eis que resurgimos, mais fortes e mais polerosos para manter a pugna desinteressada pelo prestigio e publicação das nossas cousas, tão fadadamente despresadas e esquecidas!

Ah! os oppressores, os despotas da razão humana, dessa onça volumosa que vem subindo, ha longos seculos, Jungida e marivisada, pelas fragraduras do pensamento emancipado e livre!

Como elles se illudem na sua eterna tomosia de suffocação!

Não vem que a vontade do homem, mesmo presa, a sangrar, a exor-se, na sua ardente sede de justiça, deita por terra, triumphante e indomavel, os grilhões de ferro que a tentam amagar.

Mas não é para elles que os Legisladores, almas grandes e generosas, fallam de nobres com as nos textos sagrados de suas leis!

Não é para a sua comprehensão, ni-miamente estreita, que aquelle artigo da nossa Constituição Republicana estatu-tue tão bellamente a nossa liberdade de pensamentos.

Impelindo-a elles sapponhem que fazem mal! Ao contrario, fazem sempre um grande bem, porque, reagindo contra a prepotencia, num desassombro de dignidade, os opprimidos triumpham pitantando os effeitos de suas revoltas.

Assim é que podemos agora tratar, e com bem largas desvantagens

para aquelles que tentaram obstar a nossa palavra, do assumpto que foi a causa da suspensão do nosso jornal de publicação de artigos.

Quando a *Imprensa* disse: *O Combate* não publicamos mais artigos, a nossa redacção, em respeito de artigos, tomou a seguinte resolução:

Apresentamos as nossas palavras de reconhecimento pelo modo Esmerado e cavalheiresco com que nos distra-guna, revelando assim ser sempre o campo valente de todas as causas largas e generosas.

Ao sagrado do nosso prazer por se-lhaver estribado a uma opinião mal arranjada, em resposta, mostrando a *Comunicação*, entre outros pontos irrision-rios e o querer dar a entender que o *Bol Tim* por nós mandado distribuir pela cidade annunciando a nossa suspensão, podia não ser nosso, no proposito exclusivo de defender a re-putação do jornal que nos deteve a marcha, a redacção d' *Imprensa*, orgão cattholico, acadêmico, e religioso da Parahyba.

Ao ultimo do nosso desagrado, a nossa antipathia mesmo por o vermos representando fielmente a classe de que o orgão collocado na sombra, atrás dos outros, querendo desfazer, tentado interceptar os mais bellos impulsos do coração humano, em differença a justiça e a verdade.

Para não ser accusada do que não aconteceu disse não ter nada com os negocios feitos na sua typographia, pelo seu administrador. Que os seus dependiam exclusivamente d'elle, d' He, exclusivamente, e portanto a sua redacção não tinha tomado parte na interrupção do nosso jornal.

No entanto, nos escrevemos o artigo — *O nosso Lyceu*, em regamos-lhe o authographo, elle o compoz, e tirou a prova emmealhou-o, pagou-o, imprimiu-o, e só no outro dia, quando *O Combate* já tinha crendado, e que o administrador da sua folha nos diz que artigos referentes aquelle mesmo assumpto e outros de igual natureza não publicava mais.

Oh! com o é sempre a mesma a logica dos padres!

Não procuramos saber se com isso ganharam alguma coisa: somente lhes affirmamos o seguinte. Havemos de tratal-os conforme nos trataram.

Aqui deixamos de cumprir a essencia daquellas palavras de uma simplicidade e de uma grandeza sublimes, de uma moral incomparavel, que o Insuperavel pregador da Galillea atron a fôr do mundo, esta-

refecto e attonito não fazer aos pa-gros o que não desejamos que nos façam.

Aqui deixamos de cumprir esta prin-cipio de uma moral sem igual, somente para que os padres, repre-sentantes fiéis da Suprema Verdade e da Supremacia d' elle, nos deem o exemplo do contrario, isto é, não fa-çam aos outros o que não desejam que lhes façam.

AFONSO GOUVEIA

O dever de colleguismo, e mais ainda o sentimento de veneração para com aquelles que ultrapassam os limites do vulgar e conseguiram honrã distinc-tiva, já pela nobreza de seu caracter e já pela intelligencia, manla nos que, em nosso reaparecimento, manifestemos publicamente a magaa que experi-mentamos pelo desaparecimento de nosso miltois collega d' *O Commer-cio* — Afonso Gouveia.

Mas, em pleno vigor de seus vinte o-dous annos, quando as nossas letras es-tavam justamente a começar a brilha-rem pelo fulgor das suas falgurances de seu talento, e mesmo quando a patria principiava a receber os serviços de seu acrisolado patriotismo, eis que, a morte fatal im-piedosamente arranca-lhe a existen-cia!

Nós, que somos moços, é que hem po-demos avaliar o que é morrer nessa ida-de em que não a abraçando o sol can-dente de a margem de alluzões, so-mente possui a grata e fortificante sa-tisfação das mais candidas esperanças.

Não podemos nos allugar sobre o merito do jacaça morto por que o sentimen-to da magaa de que nos acham os apossados, apezor de já ser o decorrido, quinze dias de fallecimento do illustre moço, nos e ociona a tal ponto que nos tolhe as ideas, nos mergulha a alma no mais profundo abatimento.

Demais, é que poderiamos cretose con-tar ao brilho do que a imprensa d'esta terra disse, justamente, em referen-cia ao nosso finado collega?

Nada absolutamente, a não ser las-timarmos tambem as Letras da nossa terra, appresentar nos a familia do indi-viduo moço as nossas condolencias e der-ramar nos sobre o túmulo do nosso col-lega uma braçada de sandiaes como singela mais pura veneração a sua mesquocida memoria, o que justame-n-te e contrictamente fazemos.





HOJE

A humanidade desde sua mais remota era, manifestou sempre especial tendencia para venerar os mortos. Fosse tal sentimento originario da convicção de que o corpo humano possui uma parte imponderavel e indestructivel que é a alma...

O COMBATE

O reaparecimento d'« O Combate é mais uma prova — prova cabal, rigorosa prova de que são, sempre, dominantes as idéas da mocidade, proficuos os seus trabalhos, nobres, nobilissimos, os seus intuitos. Eil-o, de novo, prompto e disposto a intrincadas luctas...

VOA

Voa, meu verso, qual errante ave Sem ninho e sem guarida: Quero que vibres a maguada-clave Da negra despedida. O que importa? Eu ficarei sozinho...

1902

CARLOS BEZERRA

CANÇÃO

Bendita sejas, gentil creança, Luz que me guia, flor tão querida, Anjo que encerra toda a esperança Da minha vida. Faz-me sempre viver escismado, Minha aguçada, filha adorada...

SANDS NETTO

VESPERAL

Bailavam pelo ar as horas vespertinas De um magico piano alegre symphonica Emflorava-me o ser de delicia magica, E minh'alma elevava á flux das tremulinhast. Um fulvo sol de Maio após umas neblinas Por entre um céu de fogo intrepido morria...

PEDRO VALENTE

RESURGINDO

Após do grande labor, que emprehei-me, há bem extensas dias, orgulhoso, reaparecemos no amplo scenario da imprensa. E é justo o nosso orgulho, porque mostramos aos que procuram subjugar as nossas idéas, que, embora não queiramos abrir luta destral contra quem quer que seja, em tempo algum consentiremos em sermos aviltados...

Jader Andrade

E' com pesar, com fundo pesar, que noticiamos a retrai da do nosso illustre e intelligente companheiro de trabalho, cujo nome tão dignamente encarna estas linhas do corpo renator al de nossa folha. Jader Andrade, moço ainda, nos primeiros alhores da vida, já possuía um tino admiravel, um soberbo estylo, um pouco satyrico, h'ho o tino de um escriptor, que no prolar da mais alguns annos de luctas, poderá alvotar se t'um soberbo critico.

Parece-nos que serão imponentes os festejos commemorativos á grandeza data 15 de Novembro, promovidos pelo club «Benjamin Constant».

Eugenio Ribas

E' com prazer e infinda satisficção que annunciamos ao publico a entrada d'este illustre moço para a redacção da nossa folha. Os nossos esforços e boa vontade, juntos ao valioso concurso q' Eugenio Ribas nos poderá prestar, serão novas incentivos que nos animarão na ardua estrada que trilhamos. Dizem que achou-se preso na sãda de Recife ao sr Julio Destral. Ignoramos o motivo.

A MOCIDADE

Se há factos que mereçam apoio, estima e consideração, os applausos de um povo, que sabe avaliar o valor das grandes lutas, factos, dignos de occupar um lugar de honra na galeria das grandes conquistas da moral e do civismo, são, sem duvida, aquellos que dizem o triumpho dos fracos contra os fortes, dos opprimidos contra os oppressores da mocidade, quando algum tanta amoldal-a, feril-a, metal-a, contanto que ella não diga a verdade, que minta, que troque a seu civismo e a sua moral pela mentira e pela desfaçatez. A marcha evolutiva do progresso, que vae sempre, quotidianamente, mostrando a coecividade, a verdade real e palpavel dá cousas, arremessando o homem á arona imensa da sciencia, mostrando-lho os seus enormes progressos, que tola a idealisação do espirito humano pode ser real, que a vida é um concerto de luctas, ora felizes, ora infelizes, dando gloria a uns e desabrota a outros, que elevam e que degradam, mas sem as quaes nada a e pode obter, não aliojar se pode um nome, mais ou menos digno, que sirva de herança, hoje ou amanhã, aos seus descendentes, da força e vigora espirito humano, impellido-o para as luctas, mostrando-lho o caminho, o verdadeiro caminho da moral e da honra...

O COMBATE

Quando fundamos o humilde periodico, que vigoroso e forte hoje reaparece na arena jornalistica, prompto para combater pela regeneração da Patria, da instrucção e da litteratura; e defender os opprimidos, luctamos o presentimento de que mais cedo, ou mais tarde, aquelles que não sabem compenetrar-se de seus deveres, sentindo doer-lhos as chagas, nos quaes fomos applicando o canterio, procuraríamos crear embarassos a fim de que jamais poderemos proseguir desassombadamente no cumprimento dos nossos deveres de moços e republicanos, e não tardou muito a confirmação do nosso presentimento. Assim é que fomos obrigados a suspender, por alguns dias, a publicação do nosso jornal, que foi recebido pelos desorientados, como um organ revolucionario, e arcando com as maiores difficuldades resurgindo hoje, não só para darmos uma prova cabal de que a mocidade, que é a unica esperança da Patria jamais curvar-se-ha genuflexa ante a vontade de quem quer que seja e nem tão pouco submeter-se-ha, como tambem para dizermos o que vimos e o que sentimos. Não pretendemos nos envolver em politica e nem tão pouco fazer opposição a este ou aquelle, porém sim combater pela Patria e pela verdade, debateo de todos os pontos de vista e estigmatizar os erros das chuecas politicas, que deviam estar encorçados nos carcereos redimidos seus crimes; morocemos o epitheto infame; de demagogos ou opposicionistas não nos encommoamos com isto, ficando certos e convictos aquelles que queriam e querem nos explorar covardemente que nós, moços ainda não evitados do mal, sabemos reargil-os e cumprir o nosso dever. Se mentisimos cynicamente a Patria, como mentem elles, ou se tivissemos enchi-lo as collemas do nosso jornal de elogios immerecidos e engrasamentos banaes, como se fossemos alguns louvainheiros não se tinha empregado os meios vergonhosos que se empregou para o nosso amordagamento ou o desaparecimento do traductor de nossos sentimentos. A pequena parcella da mocidade que aqui achou-se unida tem bastante civismo para saber desempenhar fielmente a missão que lhe foi confiada. Soffreremos resignadamente as torturas e perseguições a que se nos quiserem submeter, porém fiquem certos e convictos que havemos de dizer as verdades nans e cras e do reduto onde nos en-trincheiramos jamais cessará fogo contra os reprobos inimigos da ordem e da Republica.

25-10-1902

Ferrer Junior

Falleceu no Pará, o eminente jornalista e litterato Leonidas de Sá.

Falla-se que será esplendido o concerto que o Club Symphonico secciona effectuar no Palacio do Governo em homenagem a patriótica data da proclamação da nossa Republica.

CONCERTO

Tivemos hontem a grata satisficção de assistir a uma esplendida soirée musical, que effectuou-se no Santa Rosa, em beneficio das obras da Igeija de S. Pedro Gonsalves. Aos intelligentes amadores que tomaram parte n'essa festa, comprimentamos pelo optimo desempenho que deram á excepção das peças que lhes foram destribuidas.

Zola e "A Imprensa"

Que "A Imprensa" silencie sobre a morte de Emilio Zola, a habitamos; mas que atre em seu tumulo, ainda quente, os apendos de sua raiva, arre-messando sobre o seu nome a mais absurda das d'ummas, dizendo que as obras de Zola degeneraram a humanidade não podemos ouvir, sem que parta de nossa penna o mais formal e conciso protesto. Porque, não nos dá "A Imprensa", ou o redactor ou o editor o direito que fez o editor de Zola, inserto d'um das e honras do seu numero de 12 do passado, as obras desse grande escriptor degeneraram a humanidade? Seria porque n'ellas houvesse o embuste, a mentira, a hypocrisia e a calumnia? Não, as obras de Zola eram a verdade e a realidade das cousas, o mais apurado estudo sobre a sociedade humana. E como diz "A Imprensa" que as obras de Zola degeneraram a humanidade? Sem duvida, porque não as conhece, ou talvez, porque essa penna que traçou uma tal calumnia, não sabia apreciar o sublime estylo de Zola, onde a verdade palpita impetivamente, bolando a luga das paginas de todas as suas obras, que são accurados estudos scientificos de pathologia, de psychologia, verdaes monumentos litterarios, como "Le roman experimental", que decidiu o brilhante futuro de seu auctor, e de qual conto e tantas edicões appareceram rapidamente, percorrendo o mundo com a accleração vertiginosa, electrica, febril de uma celebridade bananosa que o seu nome não podia granquear. O seu "Germinal" é a biblia do socialismo contemporaneo, a epopéa do trabalho, como o "Inferno de Dante é a epopéa do dor." Não é uma das suas mais bellas produções, ou te ha descrições que são verdadeiros encantos, ou te parece que tudo é real e palpavel, e não historias traçadas nas paginas de um livro? O "Rôo", é mais alguma coisa que a nossa penna não pode á dizer, mas que Adherbal do Carvalho disse: é a phantasia brilhante, o estudo primoroso de um realismo ideal, e chibril feito de luz, com os cambiantes polychromos do arco-iriz, fluctuando nas azas luminosas do extase, sagrando tudo perfume que que passe; a cathedral imaginaria de arrojadas flechas gothicas, abriendo no espaço a sua transparencia lactea de rendas mar-marreas e de agulhas faiscantes atravz das quaes passam todas as chimmas do inferno a todos os raios melancholicos da luz crepuscular. Dr Pascal, porém, é finalmente a synthese da sciencia moderna, a ordenação systematica dos seus vinte volumes, como disse ainda A therbal de Carvalho. E muitas outras obras publicou Zola, que são verdadeiros attestados, palpantes e vivos, de seu talento, verdadeiros primores da escola realista, como "Page d'Amour", "Germ", "Le ventre de Paris", "Joie de Vie", "L'argent", "Roma", "Londres", "Paris", "Fecundidade", "Trabalho" e outras, todas ellas com o mesmo sopra epico de seus estupendos romances sociais. E porque diz "A Imprensa" que as obras de Zola degeneraram a humanidade? Certamente porque não as conhece, ou porque tem algum odio por esse grande genio que assombrou a humanidade e a moderna sociedade, e de quem as obras foram o maior successo da grande escola realista. Não, foi porque o czar da Russia e a rainha da Inglaterra regentaram uma de suas obras, e porque a Academia Franceza não o accentou em seu seio. Isso não é prova cabal da degenerencia de Zola, o eminente escriptor como Emilio Zola, que foi o mais bel

o estylo do realismo, devia ponderar "A Imprensa", pois o facto de uma ou mais obras de Zola não agradar ao Imperador da Russia e a Rainha da Inglaterra, que sem duvida entenderam tanto d'ellas como quem elaborou o artigo que rebita, é coisa sem valor. A Zola não ter entrado na Academia de France, foi a politica, simlesmente a politica, que lhe fechou as suas portas, e mesmo que não fosse não era admiração, porque Victor Hugo, este homem tremo e sobrenatural, este mestre, este heroe, este Deus, só entrou na Academia Franceza já no ultimo quartel de sua vida. E porque diz "A Imprensa" que as obras de Emilio Zola degeneraram a humanidade? E porque ella, cu quem escreveu semelhante calumnia, não sabe dizer como nós, usando das palavras com que Adherbal fello a respeito de B-Zola? Zola este nome vibrante sabe-me tremulo da penna como se estivesse o nome de um bandido celebre, sobre cujas facanhas hediondas a vasta technologia juridica esticasse examina, des-fallecida. E' que o auctor do "Assemblee", do "Bêce de Dr. Pascal", assumo como é deixo gravada no espirito de quem ler uma impresso estonteante e nervosa de imaginação, de descrições individivas e de personagens interessantes, de vida e de actividade que fascinam e que entusiasman. A historia de sua vida, é o "Inferno" do romance moderno, o genesis litterario do operariado politico.

Urahya, Agosto, 1902.

Alfredo Polari

Misora

Administracção

Fazendo-se uma apreciação justa e imparcial dos governos que tem tido a desditosa republica deste infeliz paiz, necessariamente chegar-se-ha a conclusão de que o mais immoral e, sem duvida alguma, o do Sr. Campos Salles. S. Ex. que ao empossar se era alvo das maiores manifestações de apreço e consideração; recebido como restaurador do credito moral, politico, e financeiro do paiz, que tão abalizado se achava, devida a má orientação de seu antecessor deixa em sua passagem pelo governo o altestado do genio de sua incapacidade. De um lado uma geracão sacrificada e do outro um montão de rufias que ha de ser o monumento commo-cativo de sua misera administração. O paiz esphacelado, debate-se n'uma crise horrorosa, esperando a cada momento seu desfecho fatal. A situação actual, crada pela ineptidão do Sr. Campos Salles e des-nestada de seus adeptos, pode perfectamente equiparar-se com a da France, no reinado de Luiz XVI, a funesta foi a administração de este, para aquelle paiz, como a daquelle está sendo para o Brazil. Luiz XVI, um dos ultimos reis, que teve a France, deixando-se subjugar pela vontade da camarilha que o cercava, cometteu os maiores desabroas, adimittiu que Calom e outros dalapidadores se apossassem do erario e com a fortuna nacional satisfizessem as voritates vaidades, luxos e corrupções de seu reinado; e teve de mais tarde pagar na guilhotina tudo que fez e permitiu. Estamos em plena France d'aquella epocha. O Sr. Campos Salles, o Nero da actualidade, cercou-se de individuos da mais baixa collação moral e e nsetou que a vontade d'ellas predominasse sobre sua administração, arrastando assim a patria ás maiores humilhações. A administração dos dinheiros publicos entregou a um homem que tras



formou-a em fortuna de bajuladores, prostitutas, jogadores e cynicos, deixando o poiz em completa liquidacao, e não satisfeito de assim proceder, atirou-se qual abatre, sobre a fortuna particular e arrancou-a miseravelmente das mãos de seus possuidores, empregando para isto os systemas mais aperfeiçoados da gatunice moderna.

A verdade eleitoral, que é o pesadelo da democracia; substituiu cynicamente com seus tartufos politicos, pela fraude.

A lavoura e o commercio, que são as fontes de riqueza de qualquer paiz estes dois ramos, foram justamente os que mais de perto sentiram os effeitos desta misera administração, um acha-se quasi paralisado; e o outro geme quotidianamente sob o peso de excessivos impostos.

O poder legislativo reduziu-o a uma chancellaria, e o judiciario desprestigiou-se intervindo em suas attribuições e desmoralizando suas decisões.

E para melhor proseguir em sua ingloria destruição comprou a imprensa em sua faina,

Felizmente está proximo o dia em que patria tem de se ver livre deste vampiro politico, cuja administração é a pagina negra de nossa historia politica, e a eterna vergonha da geração presente.

9-10-1902

Ferreir Junior

### OS NOSSOS GOVERNOS

Ante os factos politicos da villa de nossa nacionalidade no periodo que atravessamos, ante as dissensões do character nacional amesquinçado pela prepotencia dos altos magistrados de nossa patria, para estupefacto o observador imparcial que se deseja o progresso, a ordem e a justiça.

Os factos que se desenrolam n'esta infeliz parte da America Latina são o attestado mais eloquente da falta de patriotismo dos nossos governos, as provas inconcussas da inaptidão d'esses corvos que fazem o funerario cortejo de uma victimas de que são os uais terriveis algozes!

Espiritas altamente egóisticas, caracteres educados a vellos escolares de caduquicos monarchicos, os nossos governos (com raras excepções) deixam-se cegamente arrastar pelo mesquinho partidario, donde vem muitas vezes a commetter injusticias de todos os tamanhos, attentados a mais sagrados direitos dos cidadãos, ainda que sejam estes garantidos pela Constituição Federal!

Assim é que não pode enaltecer a nossa fragil patria; não podemos sospitar a nossa integridade; não o attendado commetido n'esta villa visível do sul onde a politica não se limita de um governo despótico; levou a restringir a liberdade de imprensa que nos é garantida pelo Art. 72 § 12 da Constituição Federal. Eis a primeira e a chegada a falta de criterio e de respectabilidade dos nossos directores do cidadão.

E' enquanto vivem immiserados no oceano revolto da politica em cujas dissensões apparece a-se as maiores inverdades, descuram-se da Patria e dos altos problemas cuja resolução assegura o bem de toda a liberdade de cada um de seus partiz.

A armada, o exercito que ante o mundo egoista oulto o direito é a conquista dos mais espartos, ouly a força do direito é eterno n'uma supranatural pelo direito da força, são irresponsabilidade das nações, se aiquilum se n' morder o maior respiro dos altos e importantes poderes.

Parigra ordem; a dignidade nacional é velipadada e a Patria dor na, como embaldada nas promessões de um sonho, que n'esta ilha dos n'opios dos nossos dias se encontra um universal.

Alvaro de Carvalho

## LITTERATURA

### PEREGRINANDO

Virgem, ainda, seguia... seguia em busca do sustento, do pão de cada dia. Seguia... e cada passo, significava parçella recordações indeleveis e impagaveis do passado, de um passado entre flores e risos: e hoje? exposta a nudez, a mercê da caridade, pedindo, esmolando...

Impaciente, e, como que em um momento de desesperador, cedia erguia os olhos aos céos e dizia: Senhor Q'ão infeliz que tenho sido neste mundo?

Como consolo só me resta uma esperança—esperança que morre com o justo—e a de estar um dia junta a voz, pura e virginal, com a branca constelação dos astros.

Amei porque a natureza foi tallhada para amar, porém, libio que bujaram as minhas faces, não conseguiram em meu coração a hostilidade do peccado.

E seguira... seguira...

Minha risinha.

Muito em flor

«Uma esmola pelo amor de Deus?»

«Perdão»

Perdão! Perdão de uma duceza pratica e de elegancia do punhal. De repente fugiram botavam de seus olhos, e humilçavam a quilla face que fazia lar ainda um do beleza rara.

Dias e dias se succediam, sem que estivesse miseravel em interesses um arcano para os seus soffrimentos.

Um dia porém, e a que elle entranchando-se por um bosque cuja vegetação era seiva de salvação, arremetendo-se sob um arvoreto foi encontrado por um caçador que por ali passava morto... morto, glacialmente feito.

ALVARO NOBREGA.

### FESTA NO CAMPO.

A Mathias Ribeiro

Pallida minhã em que um nevoeiro intenso acoberta os brancos lyrios do campo.

Hora magica, em que ainda dormem as aves no e me n'cepilo de suas plumagens, occultas, bem occultas no torço delicado de seus ninhos.

Fogem as ultimas estrellas, por entre as vagas das nebulosas; desaparecem timidias reptina humedida selva atemorizados ao rubor do dia que nasce.

Perde-se pelo infinito espaço a volta breve de um canto.

E' o concertio mavioso do vento atravéz das verdes franças das campinas, acompanhando o poema lyrico das aves, a murmurando o bello nascer do sol.

Ajita-se a brisa susurrando a travéz de intensa calma, vergando as bastas ramagens das alfarrobeiros.

Partem aos brados, vassallos o ambiente livre do espaço, as andorinhas musis n'um gurgulio inmenso de alegria.

Ao longe, bom ao longe, o tuffo alegre joga n'um redemoinho o passo, a folhagem secca, que n'um valsar phantastico e montam-se aos rugosos troncos das palmeiras, onde desfere saudoso canticos no leque pedindo em que se embala, o melodico concertio.

Perde n'um cochillo vagaroso a grinalda branca de humilha, como que beijando a face da terra adormecida nas galas de um campo em festa.

1 de Novembro de 1902.

ALVARO NOBREGA

## PAGINA AZUL

Passa hoje o anniversario natalicio do nosso distincto amigo Arthur da Silva Pinto, digno empregado da delegacia fiscal.

Ao illustre anniversariante, bello ornamento de nossa sociedade, enviamos os nossos cumprimentos.



Hoje em dulcissimos efflavios invade o lar de Emma Simoni, D. Maria Emilia de Lacerda Neiva, dilecta filha do Coronel José João S. Neiva, e irmã do nosso distincto collega de estudos, Erenio de L. Neiva, o turbilhão azul das alegrias, partidas dos corações dos que conhecem de perto os seus fidalgo sentimentos e finura de trato, pois, no firmamento saphirico de seu existir, mais uma estrella irradiou.

Parabens.

Visitaram a nossa officina de trabalhos, os seguintes cavalheiros: Alvaro Nobrega, Santos Netto, Manoel Paiva, Carlos Bizerra, Irineu Pinto, Dias Paivade, Neve, Filho, Virgínio Velloso, Carlos Pinto, Paulo Affonso, José Vinagre, José Pereira, João Davino, Raulpho Espinola, Diogo Flores, Paulino Marcos, Abdo Medeiros, Luiz Ignacio, Claudiano Cunha, Antonio dos Santos, Claudio Moura, Alfredo Dias Pinto, Arthur Pinto, Arthur de Barros, Jão Martins, Pedro Valente, Coriolano de Medeiros, Onias Pereira, João Cancio, João Camello Junior, Josué Lyra, Francisco Botelho, Octavio Mesquita, Arnulpho Nobrega, Eduardo Silva, Joaquim Silva, Guimarães Filho, Bertulino Mauricio e Paulo Affonso.

A todos parabens e agradecimentos.

Recebemos o numero 1.º da "Triunfal", sob o pseudonymo que acaba de surgir no visível capitel do sul.

Trazesse novel collega, um bem languido e terno programão, com bellas referencias a imprensa.

Agradecendo a sua amavel visita almejamos-lhe um venturoso porvir.

Visitamos tambem pela primeira vez, O VESPER, bem elaborada revista litteraria, que se publica em S. Paulo, sob a direcção dos illustres moços Francisco Loreto e Erasmino Lopes da Silva.

Atendi recebemos: *Poesias, O Arrote e A Renaissance do Maranhão; A Patria, do S. Felix de Paraguassú, Bahia; A Cidade do Ouro Preto, Minas; O Corvo, de Palmares, Pernambuco; O Astro, de Bitoribé; O Intransigente; A Gazetinha de Fortaleza e a Cidade do Crato, Olinda, de Cameté, Pará.*

### AO PUBLICO

Vende-se um flautim de e-bano em perfeito estado, de um dos melhores fabricantes, por preço modico.

Quem quizer dirija-se á esta redacção, que se dirá com quem tratar.

Foi suspensa a publicação da "Pacotilha" por não ter querido silenciar sob e os ultimos acontecimentos do empastellamento da sua collega "A Campanha."

Pedimos desculpas aos nossos assignantes pela demora do reaparelhamento da nossa folha.

A esperancosa moçidade do Club "7 de Setembro," reuniu-se hoje, na proxima quinta feira em sessão ordinaria.

O nosso escriptorio achase aberto durante o dia, das 10 horas da manhã as 2 da tarde.

Com muito prazer noticiamos que achase melhorado dos seus encommodos o nosso collega de redacção, Hyrino Pereira de Carvalho. Parabens.

Em vista das grandes reclamações que temos tido com relação a entrega da nossa folha, somos obrigados a pedir ao illustre administrador dos correios d'este estado, para providenciar a respeito, pois temos sido constantes na nossa reclamação.

## QUADRAS

O'r minha flor que me gata,  
Oh! bella, tenho esperança,  
De te possuir um dia,  
Mimosa flor de bonança.

Menina loira e formosa,  
Teus o primor da innocencia,  
Tens a candura e elegancia,  
Tens o odor d'uma rosa.

III.



## MOTTE

Da lavra d'um certo moço  
Sahiu um conto d'um boi

## GLOSA

Sem pensar 'cahiu no poço  
O Monozão, já finado,  
Rolando um conto engraçado,  
Da lavra d'um certo moço;

E, como elle sempre foi  
Um namorado elegante,  
'Cahiú n'agua' n'esse instante,  
N'esse terrivel momento;  
Quiz mostrar o seu talento,  
Sahiu um conto d'um boi.

PUBLICADO.

Typographia d' O Combate  
Rua das Troncheiras n. 2